



# “SABERES E SABORES DO ENVELHECIMENTO”: INTERSEÇÕES GERACIONAIS E DE GÊNERO NA ABJEÇÃO DOS CORPOS DE MULHERES<sup>1</sup>

João Paulo Fernandes Soares<sup>2</sup>

Ludmila Mourão<sup>3</sup>

Ayra Lovisi<sup>4</sup>

## RESUMO

*Esse texto reflete sobre os processos de abjeção e possíveis resistências e agências de mulheres idosas em um projeto de ginástica e dança. Motivados pelos estudos de gênero e sexualidade pós-estruturalistas e queer, observa-se que tal espaço de sociabilidade se constitui em lócus de intensas relações geracionais e de gênero, em que se busca, através de técnicas e estratégias, ressignificar a abjeção na construção de outros discursos e projetos de envelhecimento.*

*PALAVRAS-CHAVE: Identidade de gênero; Envelhecimento; Estigma social.*

## INTRODUÇÃO

Os corpos são construídos e significados a partir da interseção de inúmeros discursos que os tornam inteligíveis culturalmente; podemos dizer que “os discursos habitam corpos; eles se acomodam em corpos; os corpos na verdade carregam discursos como parte de seu próprio sangue” (BUTLER, 2002b, p. 163).

Nesse sentido, percebem-se na contemporaneidade investimentos na gênese de uma pluralidade de enunciados normativos que promovem um processo de cronologização do curso da vida dos sujeitos, que convive paralelamente com processos em que as faixas de idade são flexibilizadas e até mesmo “apagadas” em prol de um modelo idealizado unietário, em que a “juventude” emerge como categoria valorativa a ser perseguida e preservada (DEBERT, 2012).

Essa teia discursiva constitui um enquadramento epistemológico que – ao anunciar condutas e estratégias para um envelhecimento “bem-sucedido” – circunscreve o domínio dos corpos viáveis e inteligíveis culturalmente, bem como dos corpos abjetos, ingovernáveis e “inadequados” que ficarão à margem da inteligibilidade cultural (BUTLER, 2015).

<sup>1</sup> Este trabalho contou com apoio financeiro da Fundação de Amparo e Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG).

<sup>2</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora, campus Governador Valadares (UFJF), joaopaulosoaresufjf@gmail.com

<sup>3</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), mouraoln@gmail.com

<sup>4</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), ayralovisi@yahoo.com.br

Motivados por tais processos, objetivamos nesse texto refletir sobre os modos que ocorrem as interseções das categorias de diferenciação social gênero e geração<sup>5</sup> nos processos de abjeção dos corpos dessas mulheres e em que medida elas agenciam outros discursos e experiências<sup>6</sup> na velhice.

## **CAMINHOS INVESTIGATIVOS**

Esse estudo etnográfico foi desenvolvido em minha dissertação de mestrado defendida em um Programa de Pós-graduação em Educação Física sob o título “O doce amargo sabor do envelhecimento: experiências corporais, geracionais e de gênero” (SOARES, 2014).

A pesquisa de campo se desenvolveu no município de Ubá<sup>7</sup>, Minas Gerais, no período de março a dezembro de 2013, em que foram realizadas observações das ações pedagógicas<sup>8</sup> do Projeto Vida Ativa (PVA), vinculado à prefeitura municipal, e realizadas entrevistas com sete mulheres interlocutoras<sup>9</sup>.

Tal material empírico nos fez refletir sobre os significados tecidos por essas mulheres às suas experiências geracionais e de gênero, abjeções e agenciamentos, em que a motivação teórica foi os estudos de gênero e sexualidades pós-estruturalistas e *queer*, buscando realizar um exercício interseccional da realidade sociocultural investigada (DORNELLES; POCAHY, 2014; HENNING, 2015; PISCITELLI, 2008).

## **ENQUADRAMENTOS E AGENCIAMENTOS NOS MODOS DE GESTÃO DO ENVELHECIMENTO**

Michel Foucault traz relevante reflexão sobre a genealogia histórica de uma pluralidade de controles normativos centrados nas populações, que foram conceituados pelo autor como uma biopolítica atravessada por biopoderes difusos que circulam e produzem corpos mediante a organização de disciplinas bio-anátomo-fisiológicas centradas na vida<sup>10</sup>, que regulam e normalizam os processos que envolvem o curso da vida dos sujeitos – em outras palavras: “uma sociedade normalizadora é o efeito histórico de uma tecnologia de poder centrada na vida” (FOUCAULT, 2011a, p. 157).

Essa redefinição dos percursos biográficos traz a promessa de prolongamento do ideal regulatório da juventude, vinculado a bens culturais a serem adquiridos,

---

5 A categoria “geração” nos traz que não basta ter nascido em uma mesma época, o que expõe uma posição geracional comum é a possibilidade de vivenciar de forma semelhante experiências em um determinado tempo histórico (MANNHEIM, 1993).

6 O conceito de experiência será compreendido como a correlação entre “campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade” (FOUCAULT, 2012, p.10).

7 O município de Ubá se localiza a 297 km da capital Belo Horizonte. A população com idade igual ou superior a 60 anos é de 11.063 pessoas, sendo 6.110 mulheres (IBGE, 2010).

8 As experiências corporais eram a ginástica e a dança, que ocorriam três vezes por semana e eram orientadas por uma professora de educação física. Tais intervenções se embasavam nos preceitos do tratado gerontológico do envelhecimento ativo (OMS, 2005).

9 As participantes tinham idade que variava de 56 e 76 anos. Seus nomes serão fictícios ao serem apresentados no texto, a fim de preservar o anonimato.

10 Podemos citar a medicina geriátrica e a gerontologia como protagonistas dos processos de reprivatização da velhice, em que caberia aos sujeitos a gestão de seu envelhecimento, bem como suas consequências (ALVES JÚNIOR, 2011; DEBERT, 2012).

mantidos e ampliados com base nas experiências de consumo dos sujeitos, materializados em técnicas<sup>11</sup> de cuidados de si, que anunciam outra estética da existência humana (FOUCAULT, 2011b).

Tais enunciados constituem, nos termos de Judith Butler, um enquadramento que aloca diferencialmente a precariedade<sup>12</sup> dos sujeitos, regulando os corpos e circunscrevendo os limites da abjeção, ou seja, aqueles corpos transgressores que transbordam os limites impostos pelas normas e, conseqüentemente serão relegados ao campo do ininteligível. Assim, o abjeto “não é outra coisa senão a perturbadora matéria fora do lugar, que suscita emoções diversas, como o espanto e a repugnância” (FIGARI; DÍAS-BENÍTEZ, 2009, p. 23).

Nesse sentido, indagamos: de que formas as interlocutoras da pesquisa significam e pronunciam discursos sobre a abjeção?

Cada dia que passa é um dia de vida que não volta mais. Envelhecer com saúde é muito bom. Agora, se inválido eu prefiro a morte. É porque sei que a gente fica sofrendo e sofre quem está tomando conta. (Leandra, 71 anos). Envelhecimento eu acho que a gente não pode se entregar. Tem que estar sempre procurando alguma coisa pra fazer. Se a gente se entrega e fica quietinha dentro de casa, vai ficando solitária. E eu já me sinto solitária, porque não gosto muito de sair. A gente vai envelhecendo e vai ficando mais sozinho. (Bruna, 70 anos).

As categorias “velha-solitária-inválida” interpelam e dão o tom da abjeção para nossas interlocutoras. São constantes a percepção e o lamento de “perdas” em seus percursos biográficos por conta das alterações corporais e de suas estruturas familiares<sup>13</sup>, em que os investimentos tecnológicos nos corpos buscariam manter atributos corporais, na tentativa de postergar a abjeção. Observamos, pois, que apenas uma de nossas interlocutoras não alterou a cor de seus cabelos através do tingimento, estratégia utilizada para encobrir as marcas da velhice evidenciadas nos cabelos brancos (ALVES, 2004).

Podemos compreender, no sentido atribuído por Erving Goffman ao termo “estigma”, que tais marcas são atributos depreciativos e fazem emergir o uso de desidentificadores, em que “o estigma e o esforço para escondê-lo, encobri-lo ou ameniza-lo fixam-se como parte das identidades dos sujeitos” (GOFFMAN, 1988, p. 76).

Ainda sobre agências dessas mulheres, cabe pontuar que nossas interlocutoras construíram nesse grupo de sociabilidade um espaço predominantemente de mulheres<sup>14</sup>, em que a circulação de homens se dá de forma limitada, a partir de um quadro discursivo binário dos gêneros<sup>15</sup>.

11 As técnicas são “um conjunto de dispositivos complexos de poder e de saber que integra os instrumentos e os textos, os discursos e os regimes do corpo, as leis e as regras para a maximização da vida, os prazeres do corpo e a regulação dos enunciados de verdade” (FOUCAULT, 2012, p. 154).

12 A precariedade implica viver socialmente, isto é, o fato de que a vida de alguém está sempre nas mãos do outro [...] isto é, dependemos das pessoas que conhecemos, das que conhecemos superficialmente e das que desconhecemos totalmente (BUTLER, 2015, p. 31).

13 Nossas interlocutoras têm uma estrutura familiar semelhante, em que os filhos não residem mais em suas casas, mantendo uma “intimidade à distância” (DEBERT, 2012, p. 55).

14 No período da pesquisa de campo, havia trinta e três mulheres e apenas um homem participando das experiências corporais no bairro investigado.

15 Os gêneros são as inscrições corporais de infindáveis discursos que visam normalizar os corpos a

Nesse sentido, apesar de compreendermos que no contexto do PVA há uma intensa circulação de enunciados biopolíticos que idealizam formas “bem-sucedidas” de envelhecimento, há investimentos na construção de laços de sociabilidade e reciprocidade de gênero e geracionais, os quais subjetivam outras formas de reconhecimento e agenciamentos de nossas interlocutoras para além dos grupos familiares.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente texto objetivou compreender os modos como ocorrem as interseções das categorias de diferenciação social gênero e geração nos processos de abjeção do corpo de nossas interlocutoras e os possíveis agenciamentos.

Ao circularem no PVA, os enunciados discursivos ligados ao enquadramento do “envelhecimento ativo” normalizam corpos e circunscrevem o processo “bem-sucedido” de envelhecimento, que pressupõe a adoção de inúmeras técnicas e condutas ligadas à “saúde corporal” e de ocultação das marcas da velhice.

Apesar dos temores da abjeção, nossas interlocutoras prosseguem nos processos de adoção de técnicas de ocultação das marcas da velhice, na busca por um projeto coletivo de sociabilidade na velhice. Tal projeto passa pela manutenção do PVA como um espaço de sociabilidade predominantemente de mulheres.

Enfim, ressalto que dilemas, sonhos, resistências e agenciamentos fazem parte dos percursos biográficos dessas mulheres e fazem emergir a polissemia dos modos de envelhecer na contemporaneidade.

## **“KNOWLEDGE AND FLAVORS OF AGING”: GENERATIONAL AND GENDER INTERVENTIONS IN THE ABJECTION OF WOMEN’S BODY**

*ABSTRACT: This text reflects on the processes of abjection and possible resistance in agencies of elderly women in a gymnastics and dance project. Studies of poststructuralist and queer gender and sexuality reveal that such a space of sociability constitutes a locus of intense generational and gender relations, in which, through techniques and strategies, it seeks to re-signify abjection in the construction of other discourses and projects of aging.*

*KEYWORDS: Gender identity; Aging; Social stigma*

## **“SABERES Y SABORES ENVEJECIMIENTO”: INTERSECCIONES GENERACIONAL Y GÉNERO EN ABYECCIÓN CORPORAL DE LAS MUJERES**

*RESUMEN: Este texto reflexiona sobre los procesos de abyección y la posible resistencia y agencias de las mujeres de edad avanzada en un proyecto del club y la danza. Motivado por los estudios de género y la sexualidad post estructuralista y queer, que tiene un espacio tan social constituye el locus de intensas relaciones generacionales y de género, que buscó, a través de técnicas y estrategias, replantear la abyección en la construcción otros discursos y proyectos de envejecimiento.*

*PALABRAS CLAVE: Identidad de Género; Envejecimiento; Estigma social*

## **REFERÊNCIAS**

ALVES, A. M. **A dama e o cavalheiro**: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

partir de um sistema cultural amplo denominado sexo – gênero – desejo, mediante atos performativos que inscrevem nos corpos formas inteligíveis e binárias de “ser mulher” e de “ser homem” (BUTLER, 2003).

- ALVES JÚNIOR, E. D. **A pastoral do envelhecimento ativo**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2015.
- \_\_\_\_\_. Como os corpos se tornam matéria. **Revista Estudos Feministas**, v. 10, n. 1, p.155-167, 2002b.
- DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo: Edusp, 2012.
- DORNELLES, P. G.; POCAHY, F. A. Prendam suas bezerras que o meu garrote está solto! Interseccionando gênero, sexualidade e lugar nos modos de subjetivação regionais. **Educar em Revista**, n. 1, p. 117-133, 2014.
- FIGARI, C. E.; DÍAZ-BENÍTEZ, M. E. Sexualidades que importam: entre a perversão e a dissidência. In: DÍAZ-BENÍTEZ, M. E.; FIGARI, C. E. (Orgs.). **Prazeres dissidentes**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009. p. 21-30.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2011a.
- \_\_\_\_\_. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 2012.
- \_\_\_\_\_. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2011b.
- GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.
- HENNING, C. E. Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. **Mediações**, Londrina. v. 20, n. 2, p. 97-128, jul./dez. 2015
- IBGE. **Instituto brasileiro de geografia e estatística: censo demográfico 2010**. Disponível em: [www.ibge.gov.br/cidades](http://www.ibge.gov.br/cidades). Acesso em: 16 mar. 2017.
- MANNHEIM, K. El problema de las generaciones. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, n. 62, 1993.
- OMS. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde**. Brasília: Organização Pan Americana de Saúde, 2005.
- PISCITELLI, A. Interseccionalidade, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e Cultura**, v.11, n. 2, jul./dez., 2008, p. 263-274.
- SOARES, J. P. F. **“O doce amargo sabor do envelhecimento”**: experiências corporais, geracionais e de gênero. 2014. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação Física e Desportos, UFJF, Juiz de Fora, 2014.